

DOI: <http://dx.doi.org/10.5902/2236672540759>

EDITORIAL / APRESENTAÇÃO

EDITORIAL / PRESENTATION

EDITORIAL / PRÉSENTATION

EDITORIAL / PRESENTACIÓN

DOSSIÊ CULTURA E DIFERENÇAS.

DOSSIER CULTURE AND DIFFERENCES.

DOSSIER CULTURE ET DIFFÉRENCES.

DOSSIER CULTURA Y DIFERENCIAS.

*Fernando de Figueiredo Balieiro**

 <https://orcid.org/0000-0003-3952-4779>

*Patricia de Santana Pinho***

 <https://orcid.org/0000-0002-7438-9376>

*Priscila Martins Medeiros****

 <https://orcid.org/0000-0001-9620-8946>

RESUMO: A *Século XXI: Revista de Ciências Sociais*, periódico científico do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil; E-mail: fernandofbalieiro@gmail.com
neste número o dossiê “*Cultura e Diferenças*”. Os artigos aqui reunidos trazem em comum a percepção da *diferença* enquanto um conjunto de representações construídas social e culturalmente, sempre imersas em relações de poder. Nesse sentido, abordar a *diferença* é compreendê-la enquanto elemento circunstancial, em movimen-

* Doutor em Sociologia; Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil; E-mail: fernandofbalieiro@gmail.com

** Doutora em Ciências Sociais; Professora associada do Departamento de Estudos Latino-Americanos da Universidade da Califórnia, Santa Cruz (UCSC), Santa Cruz, CA, Estados Unidos; E-mail: ppinho@ucsc.edu

*** Doutora em Sociologia; Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, SP, Brasil; E-mail: medeiros.ufscar@gmail.com

to constante e sempre relacional com certos particularismos que se constituem como hegemônicos, neutros ou universais. De maneira mais específica, os artigos deste dossiê nos trazem análises atentas às experiências dissidentes e subalternas, além de refletirem sobre as circunstâncias de produção das narrativas dominantes. São reflexões que não perdem de vista a hibridez, os descentramentos e as contradições que marcam quaisquer processos de identificação social. Os textos aqui compilados transitam por temas como a produção artística na literatura e nas narrativas fílmicas periféricas; fronteiras; imigração; branquitude e formação da classe média; além da produção de teoria social.

Palavras-chave: cultura; diferenças; representações; identificações; interseccionalidade.

***ABSTRACT:** The *Século XXI: Journal of Social Sciences*, scientific publication of the Graduate Program in Social Sciences of the Federal University of Santa Maria (UFSM), presents in this issue the dossier “Culture and Differences.” The articles assembled here have in common the perception of difference as a set of socially and culturally constructed representations always immerse in power relations. In that sense, to tackle difference is to understand it as a circumstantial element, in constant movement and always relational, with certain particularisms that are constituted as hegemonic, neutral, or universal. More specifically, the articles in this dossier provide us with analyses that pay attention to dissident and subaltern experiences, in addition to reflecting about the circumstances of the production of dominant narratives. These reflections do not lose sight of the hybridity, the decenterings, and the contradictions that mark all processes of social identification. The texts compiled here move through themes such as: the artistic production of literature and filmic narratives; boundaries; immigration; whiteness and the formation of the middle-class; in addition to the production of social theory.*

Keywords: culture; difference; representations; identifications; intersectionality.

***RÉSUMÉ:** La *Século XXI: Revue des Sciences Sociales*, périodique scientifique du programme de post-graduation en sciences sociales de l'Université fédérale de Santa Maria (UFSM), présente dans ce numéro le dossier “Culture et différences”. Les articles rassemblés ici partagent la perception de la différence comme un ensemble de représentations construites socialement et culturellement, toujours plongées dans des relations de pouvoir. En ce sens, abor-*

der la différence, c'est la comprendre comme un élément circonstanciel, en mouvement constant et toujours relationnel avec certains particularismes qui se constituent en tant qu'hégémoniques, neutres ou universels. Plus précisément, les articles de ce dossier nous apportent des analyses attentives d'expériences dissidentes et subalternes, ainsi qu'une réflexion sur les conditions de production des récits dominants. Ce sont des réflexions qui ne perdent pas de vue l'hybridité, la décentralisation et les contradictions qui caractérisent tous les processus d'identification sociale. Les textes compilés ici abordent des thèmes tels que la production artistique dans la littérature et les récits de films périphériques; les frontières; l'immigration; blancheur et formation de la classe moyenne; au-delà de la production de la théorie sociale.

Mots-clés: *culture; les différences; représentations; identifications; intersectionnalité.*

RESUMEN: *La Século XXI: Revista de Ciencias Sociales, periódico científico del Programa de Posgrado en Ciencias Sociales de la Universidad Federal de Santa María (UFSM), presenta en este número el dossier "Cultura y diferencias". Los artículos reunidos aquí comparten la percepción de la diferencia como un conjunto de representaciones construidas social y culturalmente, siempre inmersas en relaciones de poder. En este sentido, abordar la diferencia es entenderla como un elemento circunstancial, en constante movimiento y siempre relacional con ciertos particularismos que se constituyen como hegemónicos, neutrales o universales. Más específicamente, los artículos de este dossier nos brindan un análisis atento de las experiencias discrepantes y subalternas, así como una reflexión sobre las circunstancias de producción de las narrativas dominantes. Estas son reflexiones que no pierden de vista la hibridación, la descentralización y las contradicciones que marcan los procesos de identificación social. Los textos compilados aquí se mueven a través de temas como la producción artística en la literatura y las narraciones de películas periféricas; fronteras inmigración blanca y formación de clase media; más allá de la producción de teoría social.*

Palabras llave: *cultura; diferencias; representaciones; identificaciones; Interseccionalidad.*

A discussão sobre cultura e diferenças é de longa data nas Ciências Sociais brasileiras, percorrendo uma miríade de olhares, metodologias e abordagens. Remontam a textos considerados fundadores das nossas Ciências Sociais centrados na associação da questão nacional com o “racial”, definindo desde então como “diferentes” os indígenas e os negros e normalizando os brancos como sujeitos neutros e universais. Se essa assimetria entre produtores e produtos do conhecimento já era dominante antes da institucionalização das Ciências Sociais, torna-se ainda mais consolidada a partir das pesquisas acadêmicas dos anos 1950, a exemplo dos trabalhos resultantes do chamado “Projeto UNESCO”, que contou com pesquisas de Virgínia Bicudo, Florestan Fernandes, Roger Bastide, entre outros. Embora tenham cumprido o papel fundamental de analisar criticamente o mito da democracia racial, esses estudos mantiveram como objeto prioritário de pesquisa os sujeitos não-brancos. Nessa perspectiva, o debate girou menos em torno dos mecanismos simbólicos e estruturais de retroalimentação dos códigos coloniais, e mais na noção de que haveria um “problema do negro” a ser debatido, para que esse sujeito fosse devidamente inserido na nova sociedade pós-abolição.

Nos anos 1960, o estudo da diferença se voltou para as relações de gênero, em um primeiro momento centrado no estudo da condição feminina. Mesmo através de uma lente feminista, os estudos focados na categoria Mulher, eleito seu objeto principal de pesquisa, podem contribuir, inadvertidamente, para manter os homens como sujeitos neutros, algo que o próprio desenvolvimento dos estudos de gênero se empenhou em corrigir, abordando a dimensão relacional constitutiva do gênero. Consequências semelhantes podem decorrer dos estudos sobre sexualidade, área emergente no Brasil nos 1970, quando a ênfase recai predominantemente sobre a população LGBT, podendo resultar na perpetuação da naturalização da heterossexualidade, compreendida como universal. Nesse aspecto, a contribuição dos chamados estudos queer foi fundamental, ao centrar sua análise na heteronormatividade constituída a partir da interdependência entre homossexualidade e heterossexualidade.

Recusando uma percepção essencialista da diferença, Joan Scott (1998, p.297-298) a define como a “designação do outro, da atribuição de categorias que distinguem categorias de pessoas a

partir de uma norma presumida (muitas vezes não explicitada)”. A autora norte-americana, no momento da escrita, fazia dialogar duas correntes teóricas emergentes: os estudos queer e os pós-coloniais. Uma delas voltada ao estudo do dispositivo de controle da sexualidade que institui a heteronormatividade na vida contemporânea e outra voltada à compreensão da modernidade em suas intrincadas relações com processos históricos de racialização.

Essas contribuições teóricas denunciam a forma como determinados particularismos se constituem socialmente como representantes do universal, neutro, “normal”, marcando, fixando e essencializando aquilo que não é espelho de si mesmo. Em contrapartida, apresentam como proposta a análise detida da dimensão interdependente entre as identidades hegemônicas e subalternas, compreendendo como necessário o estudo da constituição relacional de ambos. Com isso, rompem precisamente com as noções ontológicas e pré-fixadas de *diferença*, compreendendo-a agora como um conjunto de significados, construídos no interior da cultura e das *representações sociais* (Hall, 2006) e em constante mutação a depender das *texturas da experiência* social (Alexander, 2010), ou seja, do entrecruzamento de marcadores sociais como raça, classe, gênero, sexualidade entre outros.

Esses debates encontram paralelo nas definições de Avtar Brah a respeito da *diferença enquanto relação social* e da *diferença enquanto experiência*. A *diferença enquanto relação social*, de acordo com Brah, é aquela construída e organizada dentro de relações sistemáticas, das narrativas coletivas compartilhadas, através dos discursos e práticas culturais, econômicas, políticas e institucionais (Brah, 2006, p. 362). Essa concepção contribui para compreendermos como surgem os significados do ser negro e do ser branco nos discursos eugênicos no Brasil, que se instrumentalizaram de maneira contundente no período do Estado Novo e também através das políticas educacionais, conjugando, de forma aparentemente paradoxal, o desejo de branqueamento com o elogio à mestiçagem.

Enquanto relação social, a sexualidade foi historicamente organizada provendo o modelo calcado no casal heterossexual como norma, produzindo um sofisticado dispositivo de controle para sua reprodução e, de forma combinada, disciplinamento àqueles que escapam

às normas restritivas de gênero e sexualidade. Como desdobramento, as violências sistemáticas em relação aos dissidentes de gênero e sexualidade se tornou algo enraizado nas relações sociais. Em um país cuja história remonta a séculos de domínio colonial e da experiência escravista, a sexualidade também se configurou a partir do que Brah chamou de sexualização da raça, provendo um repertório de representações nas quais o Brasil se tornou reconhecido internacionalmente a partir da figura da mulher sensual. Tais representações se sedimentaram na vida social brasileira produzindo o estereótipo da “mulata fogosa”, alvo do desejo sexual esporádico do homem branco, em um país marcado por um mercado matrimonial escasso em números de casais inter-raciais e cuja característica mais marcante é a exclusão da mulher negra que também, conforme indicam pesquisas atuais, é a principal vítima nas estatísticas de violência doméstica.

Já a *diferença enquanto experiência*, de acordo com Brah, faz referência ao lugar de formação do sujeito. Ou seja, diferentemente da primeira concepção, nesta o foco recai sobre o plano individual, ainda que faça referência necessariamente a sua elaboração intersubjetiva, pois só é possível existir a formação do sujeito dentro de um contexto mais amplo de relações (Brah, 2006, p. 359). As discriminações sofridas nas relações familiares; o elevador de serviço amplamente utilizado para se segregar racialmente; o *bullying* sofrido por crianças na escola ou no bairro podem, por exemplo, ser lidos enquanto dramas pessoais. O que é da ordem pessoal, no entanto, diz respeito a configurações sociais mais amplas e também pode ganhar uma dimensão política, tomando amplitude nas lutas por direitos e por respeito.

Reconhecendo a importância dos diversos campos nos quais as diferenças são comumente confinados, sejam eles os estudos de gênero, os de relações raciais, os de sexualidade, dentre outros, nos propomos a fazê-los dialogar nesse dossiê. Nessa proposta, incentivamos abordagens epistemológicas alternativas, como os estudos feministas, queer, pós-coloniais, decoloniais e interseccionais que tensionam o paradigma da modernidade/universalidade - presente em várias das bases teóricas das Ciências Sociais - ao trazerem para o centro da análise sujeitos e contextos sociais esquecidos, interpelados, exotizados ou limitados à condição de meros objetos da ciência.

Esses deslocamentos teóricos são reflexo das grandes movimentações sociais que eclodiram pelo mundo, especialmente após a Segunda Guerra Mundial, acompanhando a grande visibilidade de novos sujeitos políticos que se fizeram presentes globalmente a partir dos movimentos feminista, negro e do emergente LGBT, em um contexto no qual também se fizeram presente as lutas pela descolonização no continente africano. As novas narrativas que emergiram dessas movimentações fizeram, não sem resistências e disputas, ampliar o campo de lutas no espectro político progressista, fazendo com que as demandas por igualdade socioeconômica passassem a caminhar lado a lado com as lutas contra a violência simbólica que sofrem grupos marcados por sua diferença em relação à norma socialmente estabelecida, qual seja, a do *homem, branco e heterossexual*.

Os movimentos sociais pela igualdade racial e de gênero e todos os debates por reconhecimento das diferenças hoje podem ser compreendidos e acionados no interior das discussões sobre democracia e justiça social. O fortalecimento de pautas anti-igualitárias no Brasil (Miskolci; Pereira, 2019) que saíram vitoriosas no último pleito para a presidência da república nos mostram que as reflexões acadêmicas e as pesquisas sobre diferenças e direitos de grupos historicamente estigmatizados precisam continuar avançando, a despeito de qualquer investida política de cerceamento da autonomia de reflexão e da liberdade crítica. Neste momento de ameaças ao Estado Democrático de Direito; de revogação de direitos conquistados; de censuras de toda ordem; de crimes políticos contra a vida e contra a dignidade humana – vide o caso do assassinato da ex-vereadora Marielle Franco, ainda sem solução - a Universidade precisa resistir e não se furtar de insistir no seu papel principal: o da livre e aprofundada reflexão sobre a sociedade em que vivemos. Por essas e outras razões, vimos a necessidade de contribuirmos propondo esse debate.

O foco privilegiado de reflexão do dossiê são análises sociológicas e antropológicas sobre a produção artística, cultural e intelectual brasileira e estrangeira, bem como trabalhos de fundo etnográfico com olhares atentos às experiências dissidentes e subalternas. Dado seu caráter relacional e interdependente, o dossiê também inclui artigos que analisam como a diferença produz não apenas

grupos subalternizados, mas também os dominantes. Além disso, são objeto da reflexão aqui proposta os processos de identificação marcados pela hibridez, descentramento e fragmentação.

Apesar dos temas específicos de cada artigo, todos têm em comum a preocupação em demonstrar como se dá a produção da diferença em cada um dos contextos analisados. Nesse sentido, há um consenso de que não existe diferença essencial ou naturalmente dada, mas construída social e culturalmente e, em especial, sempre imbuída em relações de poder. Os significados da diferença podem ser rejeitados pelos sujeitos definidos como “diferentes”—principalmente quando a diferença é tratada como estigma—mas podem ser também, em determinadas situações, adotados como marcas de orgulho e auto-estima. A diferença pode ser um vetor de produção da desigualdade, mas pode também ser apreendida como instrumento de luta por justiça social.

Além de abarcarem essa variedade de posições em relação à diferença, os artigos contidos nesse dossiê incluem também uma diversidade de olhares, tanto dos sujeitos estudiosos quanto dos sujeitos estudados. As autoras são mulheres brancas e negras, e homens brancos e negros cujas pesquisas se desenvolveram em instituições educacionais e de pesquisa de diversas regiões do Brasil e de fora dele, refletindo, por sua vez, sobre experiências e relações sociais diversas que envolvem sujeitos cuja experiência é abordada a partir do entrecruzamento de marcadores como raça, sexualidade, gênero e classe social.

Eliane da Conceição Silva apresenta, em *Carolina de Jesus: uma questão de gênero*, a trajetória da escritora Carolina de Jesus e analisa seu pertencimento singular à chamada literatura marginal. Catadora de lixo, favelada e com poucos anos de educação formal, Carolina de Jesus foi uma escritora que encontrou oportunidade editorial para publicação de sua obra e exposição na mídia, o que, de um lado a permitiu certo reconhecimento, mas também contribuiu negativamente para a continuidade de sua carreira literária, reforçando estereótipos e expectativas preconceituosas em termos de gênero e raça. O artigo aborda a escrita de Carolina enquanto precursora da literatura marginal, como mulher negra que expressa de forma particular uma “dialética da marginalidade”, apresentando e confrontando a violência em suas narrativas, parte constitutiva de

sua experiência pessoal. A socióloga aborda a singularidade de sua narrativa literária, trazendo uma reflexão crítica e alargada a respeito da escrita feminina, abordando as intersecções entre gênero e raça constituintes da experiência da escritora.

Carlos Eduardo da Silva Ribeiro analisa a obra do diretor de cinema ceilandense Adirley Queirós, abordando sua filmografia a respeito dos expelidos do projeto urbanístico modernista que fundamentou a criação da capital federal. Em *A representação da Ceilândia e dos ceilandenses no cinema de Adirley Queirós*, Ribeiro adentra nas criações do morador da cidade satélite atento às representações e experiências de seus moradores e sua relação com a capital, “do ponto de vista do ‘Outro’”. Em uma perspectiva interseccional, aborda as narrativas de toda a filmografia do diretor centrado nas experiências de sujeitos que habitam território que se constituiu a partir da chamada “Campanha de erradicação de invasões”, plano de remoção de trabalhadores em situação precária do Plano Piloto de Brasília, assim abordando, em suas palavras, “corpos e subjetividades em grande medida silenciados, esquecidos, e simultaneamente (paradoxalmente) vigiados, marcados”.

Tiago Duque, em *A travesti, a onça pintada e a sucuri: reflexões sobre regime de visibilidade no Pantanal-MS*, adentra no regime de visibilidade da sexualidade em uma etnografia realizada na cidade de Corumbá, no estado do Mato Grosso do Sul. Representações do Pantanal e da fronteira com a Bolívia são exploradas pelo cientista social como parte de uma formação discursiva que permeia as compreensões e construções de gênero e sexualidade na cidade. Trata-se de uma pesquisa que acompanha travestis e gays afeminados apresentada em uma narrativa que nos convida a conhecer em primeira pessoa aspectos da sociabilidade das experiências dissidentes de gênero e sexualidade do referido contexto. A partir do esforço teórico de não apenas aplicar teorias desenvolvidas em outros contextos, tal qual a teoria queer que consta como referência primeira do autor na análise, o autor aborda as tecnologias protéticas próprias do fazer o gênero do campo sobre o qual se debruçou. Torcendo os conceitos de “performance de gênero” e “prótese de gênero”, de Butler e Preciado, analisa como as figuras da onça e da sucuri, constitutivas

do contexto e do imaginário local, funcionam como próteses agenciadas nas experiências dissidentes de gênero abordadas.

Simone Roberto e Patricia Pinheiro abordam a experiência diaspórica de imigrantes senegaleses em Pelotas, no Rio Grande do Sul. *Do Senegal a Pelotas (RS): migração, identidade e violência* parte da contribuição de Paul Gilroy e Stuart Hall sobre tais experiências marcadas pelo desenraizamento e hibridismos culturais para abordar um coletivo de imigrantes senegaleses, situando suas vidas com processos sociais e históricos mais amplos. Considerada como atividade “ilegal”, o comércio ambulante proporcionou contato entre os senegaleses e os locais até que o grupo se dispersasse para outras cidades, regiões e países a partir da relação conflituosa com o poder público local e das perseguições da guarda pública local, situação de insegurança que reverberou na própria atividade das pesquisadoras, comprometidas eticamente com os sujeitos da pesquisa. As representações sociais sobre o Brasil, brasileiros e senegaleses, o ordenamento urbano e negociações tácitas com autoridades locais sobre o comércio informal, as relações de cumplicidade e estereótipos raciais acionados na relação com os brasileiros e as estratégias de sobrevivência e a complexa construção identitária dos senegaleses no contexto brasileiro são analisados densamente pelo artigo.

As experiências diaspóricas e as representações que circundam a sociabilidade e os processos de identificação em situações migratórias são também abordados, agora voltados a experiências de brasileiros no exterior, em *Negociando diferenças essencializadas de gênero e raça em um mundo global: brasileiros em Londres* de Ângelo Martins Jr. e *Perdidos, marginais e exóticos. Uma reflexão sobre como a filmografia brasileira enquadra alteridades e fronteiras* de Karla Bessa.

Martins Jr. analisa a migração de brasileiros para Londres problematizando as abordagens dentro do campo dos estudos transnacionais que partem do pressuposto de uma “semelhança étnica”, supostamente ancorada em experiências culturais compartilhadas, entre sujeitos que migram para outros contextos nacionais. O autor traz para análise, sobretudo, como se estabelecem múltiplas diferenciações entre os imigrantes no referido contexto, derivadas do legado colonial. O sociólogo também aborda a forma como brasileiros agenciam certas

representações essencializadas, a partir da intersecção entre cultura, gênero e raça, sobre sua identidade nacional, analisadas como estando ancoradas na “colonialidade do poder”. A partir do olhar e ouvir atento do sociólogo brasileiro, aprendem-se as formas como os brasileiros e brasileiras ressignificam e negociam tais representações nas suas relações com os ingleses e europeus no contexto em que vivem.

O artigo *Perdidos, marginais e exóticos. Narrativas fílmicas e modos de representação de alteridades e fronteira* analisa quatro filmes brasileiros produzidos no intervalo de 1990 e 2010 voltados às experiências de brasileiros e brasileiras em fluxos para contextos diversos. Bessa considera o filme um objeto privilegiado de análise, parte constitutiva dos imaginários sociais e, ancorado em experiências históricas constituídas em relações de poder, considera-o também como meio privilegiado de produção de olhares sobre o Outro. Analisando *Terra Estrangeira* (1992), *Dois perdidos numa noite suja* (2002), *Deserto Feliz* (2007) e *Olhos Azuis* (2009), situa e adentra nas narrativas que perpassam a questão das fronteiras de brasileiros desterritorializados espacialmente e também subjetivamente.

Em *Interseccionalidade nas imagens de Pobre Preto Puto*, Carla Bernava situa a obra de Diego Tafarel na produção queer documental brasileira a partir de uma perspectiva da sociologia do cinema, com olhar atento a como foram construídos os contextos periféricos na produção fílmica nacional. Retomando as relações de centro-periferia na produção audiovisual brasileira desde os anos 1950, a autora observa a construção fílmica de Tafarel em momento no qual as dimensões de gênero, raça e sexualidade ganham importância, em busca de abordagens interseccionais e problematizando obras cinematográficas em torno da periferia no cinema brasileiro. A partir de então adentra na análise fílmica do documentário de Diego Tafarel, abordando as possibilidades e limites discursivos na construção fílmica desenvolvida na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, e centrada na figura de Nei D'Ogum.

Em *Espaços de Branquitude: Segregação Racial entre as Classes Médias em Salvador, Bahia*, Suzana Moura Maia analisa a construção da identidade branca em espaços de classes médias e altas de Salvador, na Bahia. O artigo preza pela análise que se desen-

volve a partir da intersecção entre classe e raça, contribuindo para se compreender as classes médias a partir de um ângulo pouco abordado na literatura sobre o tema: sua constituição racial. Abordando a branquitude dentro de um contexto específico, como uma forma de distinção que confere acesso privilegiado a bens e recursos, o artigo a compreende não como categoria fixa e descritiva e simplesmente derivada da cor da pele ou de características fenotípicas que possam ser universalizadas, mas construída como uma posição de classe, uma forma de ver o mundo, caracterizada por uma semiologia própria a ser analisada contextualmente. A pesquisa etnográfica analisa um loteamento situado na Pituba, um bairro de classe média alta de Salvador, como um “espaço de branquitude” caracterizado por uma série de representações, habitus, práticas e redes sociais que o configuram em espaço segregado racialmente.

Por fim, o dossiê reserva espaço para a reflexão em torno da teoria social à luz dos debates e problematizações pós-coloniais do presente. Em *Trajetórias através de um Prisma: Caribe, Raça e consciência oposicional em C. L. R. James e Oliver C. Cox*, Erik Borda compara e trajetória de dois autores nascidos na colônia britânica de Trinidad, no Caribe, Oliver C. Cox e C. L. R. James. Intelectuais marcados pela experiência da diáspora, ambos situados dentro do que considera uma “tradição radical negra”, suas trajetórias são analisadas por Borda em contraste, abordando a consagração de James e a marginalização de Cox. Trabalhando com a noção de “prisma de formação caribenha”, tomada de Stuart Hall, Borda analisa como a origem colonial trinitina e negra dos dois intelectuais negros moldava sua forma de compreensão do mundo, ao “levar adiante as críticas por estarem dentro e fora da modernidade”, inclusive antecipando muitas das críticas contemporâneas à chamada “colonialidade do poder”, tão estudada pelos teóricos decoloniais. A partir de então aproxima e distancia a trajetória de ambos, ressaltando a experiência europeia de James, sua militância trotskista que articula o marxismo e o amplia ao dar ênfase às questões raciais e a singularidade de Cox, também em diálogo com a obra marxiana, mas que desenvolveu seu pensamento de forma solitária nos Estados Unidos.

Desejamos às/aos leitoras/es uma boa reflexão a partir das contribuições aqui apresentadas.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, C. Diaspora and Hybridity. In: HILL COLLINS, P. and SOLOMOS, J. (Eds.). *The Sage Handbook of Race and Ethnic Studies*. London: Sage Publications, 2010, pp. 487-507.
- BRAH, A. Diferença, Diversidade, Diferenciação. *Cadernos Pagu*. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, nº. 26, pp. 329-376, 2006.
- HALL, S. *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- MISKOLCI, R; PEREIRA, P. P. G. Educação e Saúde em disputa: movimentos anti-igualitários e políticas públicas. *Interface* (Botucatu. Online), v. 23, p. e180353-14, 2019.
- SCOTT, J. W. *A invisibilidade da experiência*. *Revista Projeto História*. São Paulo, nº. 16, pp. 297-325, 1998.

